

---

## **Sexualidade feminina e redes sociais: construindo uma sexualidade positiva através do Instagram – uma análise do perfil Lasciva Lua.<sup>1</sup>**

Andressa Moraes AMORIM<sup>2</sup>

Cristiane Mafacioli CARVALHO<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

### **Resumo**

Este artigo é a síntese de uma monografia que visa analisar como os conteúdos sobre sexualidade feminina na rede social Instagram podem contribuir para a relação das mulheres com seus corpos e sexualidades. O objeto de análise da pesquisa é o perfil Lasciva Lua, escola de sexualidade feminina. A pesquisa é qualitativa, com base em levantamento bibliográfico e entrevistas em profundidade com seguidoras ativas do perfil. Como principais resultados, observou-se que os impactos dos conteúdos acessados pelas entrevistadas ultrapassam os limites do corpo e da sexualidade, contribuindo também para o desenvolvimento da autonomia da mulher como um todo. As redes sociais podem ser consideradas fonte primária de informação e de educação sexual, dado os tabus que ainda circundam o assunto na sociedade e dificultam o acesso ao tema.

**Palavras-chave:** Comunicação Social; Redes Sociais; Instagram; Informação; Sexualidade Feminina.

### **1. Introdução**

A repressão feminina ao longo da história manteve a sexualidade restrita ao contexto familiar, reprodutivo e heterossexual (SEIXAS, 1998), sem espaço para sequer cogitar o prazer da mulher. Apesar da aparente liberdade sexual vivida no século XXI, muitos resquícios dessa repressão ainda impedem a vivência de uma sexualidade feminina saudável e positiva (ORENSTEIN, 2016), e discutir sobre esse assunto nunca foi naturalizado.

Através da produção de conteúdo nas redes sociais, mulheres estão difundindo informações livres de tabus e com bases científicas a respeito da sexualidade feminina, o que tem sido fundamental para superar diversas crenças negativas sobre o tema. Tendo em vista que as redes sociais digitais têm sido um grande catalisador de transformações sociais (CASTELLS, 2013), analisar o que está sendo veiculado através

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda (PUCRS). E-mail: andressaamorim1@hotmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos/RS). Docente do Curso de Publicidade e Propaganda da Famescos/PUCRS. E-mail: cristiane.carvalho@puccrs.br

---

dessas redes é essencial para compreender a sexualidade a partir da visão feminina, assim como detectar comportamentos latentes e reformulações que estão em curso na sociedade.

Este artigo apresenta a síntese de um trabalho de conclusão de curso realizado em 2020/2, e tem como objetivo analisar os impactos dos conteúdos sobre sexualidade feminina no Instagram na vivência das mulheres em relação aos seus corpos e suas sexualidades. Em que pese se reconheça a importância do debate sobre identidade de gênero, este estudo visa estabelecer uma visão geral sobre a sexualidade de mulheres cisgênero. Também não será aprofundada uma análise sobre orientação sexual devido às limitações formais e teóricas do estudo.

Parte-se de levantamento de pesquisas bibliográficas e documentais sobre a construção histórica e social da sexualidade feminina e da nova perspectiva da sexualidade positiva, assim como sobre as redes sociais digitais, seus impactos nos movimentos sociais e a produção de conteúdo no Instagram.

A pesquisa tem caráter exploratório e a análise dos dados foi realizada de forma qualitativa. Utiliza-se a técnica de análise de conteúdo, seguindo as orientações de Bardin (1997), para extrair significados dos conteúdos selecionados no perfil Lasciva Lua no Instagram assim como das entrevistas em profundidade que foram realizadas com seis seguidoras ativas do perfil escolhido como objeto da pesquisa.

## **2. Sexualidade feminina: da construção social repressora à sexualidade positiva**

Diversos fatores socioculturais foram responsáveis pela repressão e dominação das mulheres ao longo da história, moldando as normas e crenças coletivas mais intrínsecas acerca do feminino e da sexualidade foram moldadas ao longo da história através de fatores socioculturais. Como afirma Weeks (2001, p. 45), “a sexualidade humana, longe de ser apenas um fator natural, está sujeita à modelagem sociocultural em um nível que é superado por poucas outras formas de comportamento humano”.

A propriedade privada, o casamento como instituição e as representações femininas da Igreja são alguns desses fatores que moldaram e reprimiram ativamente a sexualidade feminina (CAMPOS, 2010). Através de padrões morais, éticos e comportamentais, também reforçados pela Igreja, as mulheres foram socializadas para viver para o lar, para os filhos e marido (SEIXAS, 1998).

---

Como estratégia para garantir o controle sobre elas, as foi negada a condição de sujeito desejante (Campos, 2010). Uma mulher que deseja facilmente escapa ao poder do homem. Logo, a única possibilidade dentro do campo sexual era a obrigação de dar prazer ao homem e procriar (CAMPOS, 2010). As mulheres que detinham conhecimentos sobre o corpo feminino, controlavam sua fertilidade e conheciam métodos de contracepção eram chamadas de bruxas (FEDERICI, 2017), de forma a negar e condenar a relação de autonomia das mulheres com os próprios corpos.

## 2.1 Movimentos disruptivos e liberação da sexualidade

De acordo com Seixas (1998), a entrada da mulher no mercado de trabalho começou a estremecer os padrões homem-público e mulher-privado. Adquirindo independência financeira, gradualmente foram deixando o lugar de submissão e buscando realização pessoal e profissional (SEIXAS, 1998). É importante ressaltar aqui o privilégio branco, uma vez que, como afirma Cruz (2017), mulheres negras já eram trabalhadoras há muito tempo e estavam em busca de direitos básicos, além de que recaiu para elas a função de cuidar da casa e dos filhos da mulher branca.

Como relata Arán (2003), o advento da pílula anticoncepcional nos anos 60 tornou o controle da reprodução aceito e legitimado socialmente, como nunca antes havia sido. O anticoncepcional abriu espaço para uma ruptura na relação direta entre sexualidade e maternidade, apesar das discussões controversas sobre a pílula e a forma como ela foi inserida nas sociedades. A possibilidade de controlar a sua fertilidade ofereceu autonomia para que as mulheres começassem a vivenciar seus corpos com mais direitos de escolhas, e a partir disso, buscar novas experiências (ARÁN, 2003).

Desde o início desse século os temas de empoderamento feminino vêm ganhando destaque, e é possível observar muitos avanços na conquista por direitos, espaços e liberdade para as mulheres. Apesar disso, a maneira como elas experienciam sua sexualidade ainda necessita de atenção. Após três anos de pesquisa com jovens americanas sobre suas experiências sexuais, A autora Peggy Orenstein (2016) concluiu que “embora as jovens possam se sentir no direito de se envolverem sexualmente, elas não se sentem necessariamente com o direito a ter prazer”.

Essa constatação evidencia que, apesar da aparente liberdade sexual da sociedade contemporânea, ainda existem fortes crenças negativas no imaginário das mulheres em relação ao seu direito de desfrutar da sexualidade e do prazer. Um

---

exemplo dessas crenças é a de que em uma relação heterossexual a mulher deve satisfazer ao parceiro, mas não necessariamente a si mesma.

## 2.2 Sexualidade Positiva

Os estudos clássicos acerca da sexualidade a tratam a partir de um ponto de vista universal e generalizado, portanto masculino, desconsiderando fatores decisivos que interferem na sexualidade feminina. A Sexualidade Positiva surge como uma nova abordagem dentro do campo de pesquisas da sexualidade, muito mais inclusiva e livre de preconceitos.

O pesquisador e mestre em saúde pública R. M. Anderson (2013) destaca que quanto mais se explora essa área, as possibilidades de transformar comportamentos em relação à saúde sexual aumentam significativamente. A sexualidade positiva consiste em uma vivência que exalta a experiência do prazer e do bem-estar sexual, desfrutando das implicações positivas que uma vida sexual saudável traz para a saúde integral do ser humano.

A maioria dos estudos recentes compreende que a saúde sexual está intimamente conectada com a saúde mental, emocional e física dos indivíduos (ANDERSON, 2013). A Organização Mundial da Saúde (OMS) em sua publicação “Saúde Sexual, Direitos Humanos e a Lei” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2015), classificou saúde sexual como:

Estado de bem-estar físico, emocional, mental e social em relação à sexualidade; não é somente a ausência de doenças, disfunções ou enfermidades. Saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitosa sobre a sexualidade e os relacionamentos sexuais, assim como a possibilidade de ter experiências sexuais seguras e prazerosas, livres de coerção, discriminação ou violência. Para alcançar e manter a saúde sexual, os direitos sexuais de todas as pessoas devem ser respeitados, protegidos e garantidos.<sup>4</sup>

Para Anderson (2013), o desenvolvimento de uma sexualidade positiva passa pelo entendimento dos aspectos físicos, emocionais e culturais envolvidos, mas também pela a intimidade do indivíduo com a própria sexualidade e pela capacidade de comunicar para os parceiros(as) sobre seus desejos, preferências e também sobre seus limites.

---

<sup>4</sup> “A state of physical, emotional, mental and social well-being in relation to sexuality; it is not merely the absence of disease, dysfunction or infirmity. Sexual health requires a positive and respectful approach to sexuality and sexual relationships, as well as the possibility of having pleasurable and safe sexual experiences, free of coercion, discrimination and violence. For sexual health to be attained and maintained, the sexual rights of all persons must be respected, protected and fulfilled.” (WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual Health, Human Rights and the Law**. Geneva, 2015. p. 13. Tradução nossa).

---

Enquanto essas questões não são tratadas com naturalidade pelas instituições tradicionais - como a escola, a família, e inclusive a medicina - muitas mulheres vêm encontrando na internet um espaço de busca por informação e construção de redes de apoio que as auxilia nessa busca pessoal. Visto isso, os esforços a seguir são para compreender os impactos das redes sociais digitais nesse movimento, assim como analisar os discursos sobre sexualidade positiva no Instagram.

### **3. Rede sociais digitais: comunicação em rede e transformações sociais**

Como visto em Baym (2010), as redes sociais digitais estão alterando as bases da forma como socializamos. A internet oferece a possibilidade de uma comunicação globalizada, direta, interativa e coletiva (LEVY, 1999) assim como permite a inclusão de toda e qualquer expressão cultural (CASTELLS, 1999). Assim sendo, observar e analisar os conteúdos veiculados nas redes sociais é essencial para compreender a sociedade atual, bem como identificar tendências de comportamento.

As redes sociais digitais, que crescem em números de usuários em ritmo acelerado, são um espaço de expressão individual que carregam um grande potencial político (GONÇALVES; SILVA, 2014). Isso porque, através das redes, cada indivíduo pode se manifestar e ser ouvido, encontrar pessoas com interesses e ideologias em comum, assim como cobrar posicionamentos de marcas, empresas e governos.

Segundo Castells (2013), isso impulsiona os movimentos sociais porque a construção de mensagens que moldam os padrões sociais não está mais nas mãos dos grandes meios de comunicação. As redes sociais digitais são um espaço onde os movimentos podem se comunicar diretamente com a sociedade em geral e contestar toda e qualquer forma de injustiça social. De acordo com o autor, os movimentos em rede são os grandes responsáveis por mudanças sociais neste século (CASTELLS, 2013).

Nas redes, os movimentos ganham força também pela possibilidade de compartilhamento de sentimentos e experiências pessoais. Dessa forma, indivíduos se conectam através da identificação, gerando proximidade entre pessoas que compartilham de experiências e crenças semelhantes (CASTELLS, 2013).

Pela perspectiva de Castells (1999, p. 22), “o patriarcalismo foi atacado e enfraquecido em várias sociedades. Há uma redefinição fundamental das relações entre mulheres, homens, crianças e, conseqüentemente, da família, sexualidade e

---

personalidade”. Acredita-se que as redes sociais digitais tenham papel fundamental nesse processo ao possibilitarem a troca de informações, manifestação de opiniões, denúncias, e também a formação de redes de apoio e acolhimento.

De acordo com Giddens (1990, apud HALL, 2006), os indivíduos passam a ser mais reflexivos quanto às práticas sociais e às suas próprias condutas devido a essa interação. A possibilidade de entrar em contato com diferentes culturas, visões de mundo, e outras identidades possíveis os incentiva a questionar e modificar as suas formas tradicionais de ser, pensar e agir (GIDDENS, 1990, apud HALL, 2006).

### 3.2 Instagram

Para efeitos de delimitação e maior objetividade na análise, optou-se por tomar como objeto desta pesquisa a rede social Instagram. Trata-se de um aplicativo de rede social gratuito lançado em outubro de 2010 que é hoje uma das redes sociais mais populares do mundo, com cerca de um bilhão de usuários ativos mensalmente (G1, 2020).

O Brasil é o terceiro país que mais utiliza essa rede social no mundo, com 69 milhões de usuários cadastrados (SALLES, 2020). Quanto ao número de usuárias do sexo feminino, ocupa o segundo lugar no ranking mundial e, em termos de faixa etária, 75% dos usuários são jovens entre os 18 e os 24 anos (GALVÃO, 2019). Esses dados demonstram a relevância atual dessa rede social e a importância de ser estudada, o que a justifica como plataforma escolhida para a análise proposta neste estudo.

Dentro dessa rede emerge uma tendência que está remodelando o consumo dos jovens na plataforma e se tornando uma oportunidade para diversos profissionais, a produção de conteúdo profissional. Muitos usuários deixaram de usar a rede para postar fotos da sua vida pessoal, e começaram a efetivamente produzir conteúdos com materiais relevantes e com informações de qualidade para um determinado público (CAMARGO, 2018). De acordo com Camargo (2018), esses profissionais encontraram no Instagram uma forma de educar, ajudar, iniciar discussões importantes e consequentemente criarem autoridade no nicho em que atuam.

Produtoras de conteúdo sobre sexualidade feminina estão se destacando e se tornando referência para muitas mulheres, inclusive como fonte primária de informação. Essas especialistas criaram uma relação de confiança com suas seguidoras ao falarem abertamente sobre prazer, saúde sexual, contracepção, menstruação, autoconhecimento,

entre vários outros assuntos que são tabus na sociedade. Alguns exemplos de contas que falam sobre o tema são a @vaginasmneura, da fisioterapeuta pélvica Ana Gehring; @causandocomela, da Alecia Rocha, dona de loja de produtos sensuais; @carolteixeira\_, da terapeuta tântrica Carol Teixeira; e a @lascivaluaaa, da escritora e terapeuta sexual Lua Menezes, que será o objeto da análise deste estudo.

#### **4. Sexualidade Feminina e o Instagram: Análise do perfil Lasciva Lua**

A autora deste estudo se dedica a analisar uma nova tendência na perspectiva de comunicação nas redes sociais acerca de temáticas sociais, nesse caso, a sexualidade feminina, atribuindo caráter exploratório à pesquisa. Os dados serão trabalhados de forma qualitativa, devido ao fato de que o tema possui caráter subjetivo e não tem como finalidade obter uma resposta exata, senão extrair significados possíveis dos dados coletados.

Como dados primários, foram realizadas entrevistas em profundidade com seis mulheres brasileiras e seguidoras ativas do perfil Lasciva Lua. Os conteúdos selecionados para a análise foram eleitos seguindo a regra da pertinência (BARDIN, 1977). Isto é, os conteúdos escolhidos foram os que abordavam assuntos com relação direta aos objetivos da pesquisa, de forma que agreguem informações relevantes para a análise. Os conteúdos foram publicados pelo perfil Lasciva Lua entre março e outubro de 2020.

Lua Menezes, criadora do Lasciva Lua, foi escolhida como referência para análise por ser uma porta-voz da sexualidade positiva no Brasil. Ela é especialista em Psicologia Positiva com enfoque em Sexualidade Positiva. É também escritora, especialista em disfunções sexuais e terapeuta tântrica com anos de experiência.

Na monografia, a investigação e análise de conteúdo foi realizada em cinco diferentes categorias: 1) construção social da sexualidade; 2) educação sexual nas redes sociais; 3) prazer e autoconhecimento; 4) sexualidade positiva; e 5) consumo de redes sociais. Dada à impossibilidade de abordar todas as categorias no presente artigo, serão explorados aqui os temas relacionados à educação sexual nas redes sociais, sexualidade positiva e o consumo de redes sociais.

##### **4.1 Educação sexual nas redes sociais**

Mesmo vindas de diferentes contextos, quando questionadas sobre terem tido alguma orientação sexual na infância e juventude, todas as entrevistadas enfatizaram



que com certeza que não tiveram. As únicas mensagens que receberam estavam relacionadas às doenças e ao medo da gravidez. Às vezes, também à proibição. “Toma cuidado, tenha noção e não engravide cedo. Minha educação foi ‘não tenha filhos’, mas não teve nada relacionado à educação mesmo, sabe, nada. Sobre prazer, zero.” (entrevistada B). “Não, nenhuma. Não conversava sobre isso com minha mãe, deus me livre, até hoje a gente não conversa sobre isso.” (entrevistada D). “Dentro de casa, a única educação sexual que eu recebi foi ‘tem que usar camisinha e tomar pílula’.” (entrevistada A).

As mensagens acima refletem o grande tabu associado à sexualidade. As pessoas não sabem conversar sobre isso, existe um grande desconforto em abordar essa temática, como evidenciado pela entrevistada D ao usar a expressão “deus me livre” sobre conversar sobre sexualidade com a mãe. Cria-se um discurso de medo, e o sexo é relacionado unicamente à prevenção, tanto de gravidez quanto de doenças. Entretanto, para desenvolver uma educação sexual eficiente, é preciso ir além. Compreender o desejo sexual como natural, e instruir jovens adequadamente sobre questões como funcionamento dos corpos, consentimento, orientações e identidades sexuais, e inclusive sobre prazer, é apontado como urgente pela educadora sexual Victória Beltran (2016).

Para as entrevistadas mais jovens, por terem tido acesso às redes sociais desde o início de suas vidas sexuais, esse caminho foi encurtado. A entrevistada A teve acesso a esses conteúdos desde os 16 anos de idade, e afirma que “tem muito material bom e que acaba ajudando muito, principalmente gurias mais novas. Eu vejo que a conversa que eu tenho com as minhas amigas é muito diferente da conversa que pessoas mais velhas tiveram, que é nenhuma conversa. Eu acho que o que acabou abrindo isso foram as redes” (entrevistada A).

No quadro 1, é possível observar conteúdo educativo sobre sexualidade feminina, postado no perfil Lasciva Lua. Esse conteúdo foi transmitido através da ferramenta Stories do Instagram e salvo nos destaques denominado “preliminares”, onde ela explica diversas questões relacionadas a esse assunto.



Quadro 1 – Stories – Prazer vaginal e clitóris.

		
<p>Alô deusas que se afligem por não conseguirem gozar só com penetração! Calma! Não tem nada de errado com você! Isso é normal, sim. Isso tem a ver com nossa anatomia: o canal vaginal não tem taaantas terminações nervosas quanto o clitóris!</p>	<p>O clitóris pode ser muito facilmente acessado através da glândula clitoriana, que é a parte que a gente vê, toca e estimula. Essas duas outras partes aqui são a estrutura interna do clitóris.</p>	<p>Não significa que a vagina não possa nos dar prazer! Isso não significa que a nossa vagina não possa nos dar prazer, ela pode, sim! O nosso corpo inteiro pode nos dar muito prazer! Só significa que temos um órgão especializado em prazer e esse órgão é o clitóris, que tem cerca de 8 mil terminações nervosas!</p>

Fonte: a autora (2020), disponível em: @lascivaluaaa, 2020.

Na primeira imagem, Lua faz uma chamada que provavelmente atraiu a atenção de várias mulheres por identificação: “Alô deusas que se afligem por não conseguirem gozar só com penetração!”. Em seguida, ela tranquiliza as seguidoras ao dizer “Calma! Não tem nada de errado com você!”, porque muitas mulheres creem que há algum problema consigo por não conseguir chegar ao orgasmo somente com penetração. Mas como foi dito por Brochmann e Dahl (2017), menos de um terço das mulheres consegue. Portanto, esse story da Lua pode ter sido esclarecedor para muitas que não tinham as informações que ela compartilha nessa sequência de vídeos educativos.


Na segunda imagem, Lua mostra a estrutura completa do clitóris, outra informação que costuma ser ocultada. Se a parte externa do clitóris não é bem compreendida, a estrutura interna é desconhecida pela maioria. A entrevistada A comenta, rindo, que “quando eu comecei a ter uma vida sexual eu nem sabia o que era um clitóris”. Ela disse que “tudo que eu aprendi dessas coisas foi pela internet” (entrevistada A). Provavelmente essas informações sobre anatomia feminina foram ocultadas porque, como disse Campos (2010), às mulheres foi negada a possibilidade de

sequer imaginar o prazer, então por que ensiná-las sobre um órgão cuja única finalidade é justamente sentir prazer?

#### 4.2 Sexualidade positiva

Nesta categoria de análise, o objetivo é compreender o que é construído por Lua como uma sexualidade positiva, e o que as mulheres que a acompanham compreendem como uma sexualidade vivida de maneira saudável. É importante ressaltar que todas as entrevistadas são alunas do curso online da Lua Menezes, e, portanto, já possuem um nível de consciência maior sobre o assunto.

Quadro 2 – Post – Você merece gozar!

POST	LEGENDA
 <p>lascivaluaaa • Seguindo Auckland</p> <p>Essa sou eu e um clitóris passando na sua timeline pra te lembrar que você merece gozar! E não estou falando só de orgasmos, estou falando de gozar seu corpo, sua autonomia, sua vida. Existem muitas vozes que vão te dizer que você não merece, não pode, não deve, algumas delas talvez até na sua cabeça. No meio desse coro, em algum lugar está sua própria voz, a que te conta o que você realmente quer. Só desejo que ela fale mais alto - e que você pare pra escutar. É o que desejo pra mim também.</p>	<p>Essa sou eu e um clitóris passando na sua timeline pra te lembrar que você merece gozar! E não estou falando só de orgasmos, estou falando de gozar seu corpo, sua autonomia, sua vida. Existem muitas vozes que vão te dizer que você não merece, não pode, não deve, algumas delas talvez até na sua cabeça. No meio desse coro, em algum lugar está sua própria voz, a que te conta o que você realmente quer. Só desejo que ela fale mais alto – e que você pare pra escutar. É o que desejo pra mim também.</p> <p>Aproveito pra avisar que hoje à meia-noite (horário de Brasília) encerramos as matrículas pra o Jardim das Delícias, meu curso online sobre prazer e sexualidade feminina. Se você tá escutando o chamado, vem deusa! O link tá na bio.</p> <p>E aí, deusa, ainda tem alguma vozinha te dizendo que você não pode e não merece gozar?</p>

Fonte: a autora (2020), disponível em: @lascivaluaaa, 27 ago. 2020.

Lua costuma defender que o prazer e o gozo podem estar em tudo, não são experiências somente relacionadas ao sexo. Como dito no post “estou falando de gozar seu corpo, sua autonomia, sua vida”. Essa mensagem é de grande apoio ao empoderamento feminino, ao incentivar que as mulheres desfrutem de sua autonomia e sua vida como um todo. Isso é o que relata a entrevistada A, ao dizer que “no momento que tu tem uma sexualidade saudável, gosta do teu corpo, consegue ter prazer, isso muda tudo. Parece que isso te torna mais forte e menos dependente da visão do outro” (entrevistada A).

Ao dizer que “desejo que ela fale mais alto – e que você pare pra escutar. É o que desejo pra mim também”, Lua está afirmando que espera que ela e as suas

---

seguidoras consigam se escutar verdadeiramente e acolham suas vontades. Sobre isso, a entrevistada D afirmou que uma das grandes diferenças que sentiu depois de começar a consumir esses conteúdos foi “entender melhor o que eu quero. O que eu realmente quero. E também o que eu tava deixando de fazer por causa dos outros” (D).

A entrevistada F relata algo semelhante, ao dizer que sexualidade positiva tem a ver com saber o que quer e sentir-se livre pra fazer isso, sem ser julgada. “Não ter vergonha do meu corpo, poder me tocar tranquilamente, poder falar sobre isso se eu sentir vontade. É sobre experimentar o que eu quiser com tranquilidade e paz” (entrevistada F).

A sexualidade precisa ser compreendida como algo natural e inerente ao ser humano. Conforme Anderson (2013), a autoestima, o prazer e a satisfação sexual são componentes importantes para a saúde sexual, e precisam ser levados em consideração na construção de uma sexualidade saudável e positiva. No post, Lua apresenta seu curso como uma ferramenta que pode auxiliar nesse caminho, um curso sobre prazer e sexualidade feminina.

Para a entrevistada E, o principal é desenvolver uma relação positiva com o fato de ser mulher. A entrevistada diz que enxerga a sexualidade saudável como “além do sexo, além do ato em si. É o meu corpo, é o que eu penso, como eu me porto perante diversas situações. Sentir o poder que eu tenho dentro de mim pelo fato de ser mulher é o que seria uma coisa saudável sabe. Acima de tudo, acho que é não ter medo das tuas capacidades, das tuas potências” (entrevistada E). Entende-se que vivenciar uma sexualidade saudável vai muito além de ter prazer sexual, é uma forma de resgatar a potência do feminino.

#### 4.3 Consumo de redes sociais

Por fim, buscou-se compreender qual a relação das entrevistadas com o Instagram, que tipos de conteúdo consomem, assim como os efeitos que percebem da comunicação mediada entre elas, outras mulheres e produtoras de conteúdos sobre sexualidade. Todas afirmaram que o Instagram é a rede social que mais utilizam, porém, com diferentes finalidades. O ponto em comum entre todas é que gostam de acompanhar conteúdos voltados ao autoconhecimento e a questões femininas.

Os caminhos que as levaram a encontrar o perfil Lasciva Lua também são bem particulares. Algumas contam que conheceram Lua através de indicação de amigas ou colegas de trabalho, que é caso da entrevistada C e F, respectivamente. As outras

entrevistadas chegaram a Lasciva Lua através de diferentes conexões que possuíam nas próprias redes. Conforme Recuero (2009), essas conexões são formadas a partir das interações entre os sujeitos, que criam laços sociais. Aqui, é perceptível que as interações motivadas pelos interesses pessoais levaram as entrevistadas a criar conexões com mulheres e produtoras de conteúdo com ideologias semelhantes.

A questão da construção da identidade discutida por Hall (2006) pode ser observada quando a entrevistada F afirma que acompanha pessoas que “me inspirem pra refletir sobre a vida, sobre mim mesma.”. Baseado em Hall (2006), o que a entrevistada descreve é uma grande característica da modernidade. As sociedades modernas são caracterizadas por processos de mudança constante, e as redes contribuem para isso ao proporcionar espaço para diversas reflexões sobre a vida a partir da interatividade (HALL, 2006). Ao entrar em contato com diferentes perspectivas e buscar autoconhecimento através das redes, a própria identidade vai sendo alterada através de processos como a identificação (HALL, 2006).

As redes sociais digitais são um espaço de expressão individual que carregam um grande potencial político (GONÇALVES; SILVA, 2014). A entrevistada F relata que acompanha diversas questões sociais através das redes e percebe que “está acontecendo um debate muito grande em relação à sexualidade feminina, que é um movimento social que eu percebo. Pra mim parece que tá tendo um despertar das pessoas” (entrevistada F).

No geral, os conteúdos sobre sexualidade têm um papel importante no processo de desconstrução de crenças antigas e na reformulação e ressignificação de diversos aspectos da vivência de ser mulher, para muito além das questões da sexualidade. Foi observado que a possibilidade de se comunicar e conectar com diferentes mulheres através das redes teve efeitos extremamente positivos pra as entrevistadas, como a superação da rivalidade feminina, a criação de redes de apoio e acolhimento, a troca de informações de qualidade e compartilhamento de experiências e sentimentos.

A entrevistada A afirma que esse espaço das redes sociais reverbera muito bem na sua vida, porque, segundo ela, a sexualidade não é uma conversa aberta na vida offline. Como não falava sobre isso na escola ou com a família, e com as amigas o assunto era mais “superficial”, ela afirma que os conteúdos da rede tiveram muita importância. Ela relata que: “quando eu comecei minha vida sexual eu já tinha entrado

---

em contato um pouco com esse tipo de conteúdo, e eu tenho certeza que fez toda a diferença para eu entender melhor o que tava acontecendo” (entrevistada A).

A entrevistada B segue vários perfis sobre sexualidade, e afirma: “eu acho que elas mudaram muito a minha cabeça” (entrevistada B). Para a entrevistada F, o conteúdo da Lasciva Lua “reverberou muito e muito forte” (F). A entrevistada C conta que os conteúdos a ajudaram a “perceber muitos padrões de comportamento, coisas até da infância. Também sobre como eu me via, como fui construída na minha pré-adolescência, e como isso refletia no meu relacionamento com meu companheiro” (entrevistada C).

## 5. Considerações finais

Esta pesquisa teve o propósito de analisar questões sobre a sexualidade feminina e observá-las através das redes sociais digitais, ao tentar descobrir quais atribuições as redes sociais - no caso deste estudo, o Instagram - podem ter na construção de uma sexualidade saudável e positiva para as mulheres. Foi constatado que a sexualidade ainda é um assunto envolto por tabus e que a educação sexual recebida na infância e juventude é extremamente falha e limitante.

Diante disso, verificou-se que os conteúdos sobre sexualidade no Instagram têm um impacto positivo para as mulheres ao possibilitar que entrem em contato com informações completamente diferentes das que receberam durante a vida. Isso ocorre tanto pelos conteúdos educacionais sobre anatomia, pontos de prazer e métodos contraceptivos, mas também através do incentivo a diversas ressignificações de crenças relacionadas à sexualidade.

Este estudo constatou que a circulação online de conteúdos que incentivam o prazer e o autoconhecimento sexual da mulher geram efeitos muito maiores do que a vivência de uma sexualidade positiva. Ao resgatar seu poder de decisão através do conhecimento e intimidade com o próprio corpo, a mulher tende a tomar para si o lugar central de sua vida. Mudam seus relacionamentos, com si mesma e com os outros, impactando a forma como se posiciona no mundo. Isso contribui com o processo de libertação feminina para muito além da sexualidade, pois consiste em uma forma de desenvolver autonomia em todas as áreas da vida da mulher.

Foi possível perceber que as redes sociais propiciam um espaço propulsor de mudanças e transformações sociais, ao permitir que pessoas de todo o mundo se



manifestem e se conectem através dessa grande rede. As redes sociais apareceram como aliadas das lutas e movimentos sociais, além de terem um grande impacto na identidade dos indivíduos, gerando constantes transformações pessoais também. Isso ocorre ao entrar em contato com diversas identidades e opiniões diferentes, permitindo que os indivíduos se questionem sobre suas crenças e tenham acesso à informação com muita facilidade.

Olhar para a sexualidade, naturalizá-la e oferecer as ferramentas necessárias para que cada vez mais pessoas conheçam e vivam bem em seus corpos, assim como saibam respeitar os corpos alheios, é fundamental para construir uma sociedade mais igualitária e feliz. Agora, resta a expectativa de que este estudo possa ser uma semente na construção de uma sexualidade saudável e positiva para todas as mulheres, vivida plenamente e com todos os seus direitos garantidos.

### Referências bibliográficas

- ANDERSON, R.M. Positive sexuality and its impact on overall well-being. **Bundesgesundheitsbl**, Berlin, n. 56, p. 208–214, 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/11187452/Positive\\_sexuality\\_and\\_its\\_impact\\_on\\_overall\\_wellbeing](https://www.academia.edu/11187452/Positive_sexuality_and_its_impact_on_overall_wellbeing). Acesso em: 1 out. 2020.
- ÁRAN, Márcia. Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 399-422, 2003. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2003000200004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2003000200004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 05 ago. 2020.
- BELTRAN, Victoria. **Sex Education... With Pleasure**. Florida: Tedx Talks, 06 jan. 2016. 1 vídeo (17 min). Disponível em: <https://bit.ly/3l9ceES>. Acesso em: 15 set. 2020.
- BROCHMANN, Nina; DAHL, Ellen. **Viva a vagina: Tudo que você sempre quis saber**. 1. ed. São Paulo: Paralela, 2017.
- CAMARGO, Gabriel. **Produção de conteúdo: Conheça todos os segredos dessa atividade**. Belo Horizonte: RockContent, 2018. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/producao-de-conteudo/>. Acesso em: 01 nov. 2020.
- CAMPOS, Andrea Almeida. As bruxas retornam... Cacem as bruxas! Um argumento para o controle histórico da sexualidade feminina. **Revista Espaço Acadêmico**, [s. l.], v. 9, n. 104, p. 64-72, jan. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9151>. Acesso em: 15 maio 2020.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. v. 1, 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Disponível em: [https://ciberconflitos.files.wordpress.com/2014/10/castells\\_redes-de-indignacao-e-esperanca.pdf](https://ciberconflitos.files.wordpress.com/2014/10/castells_redes-de-indignacao-e-esperanca.pdf). Acesso em: 10 out. 2020.

CRUZ, Simone. Feminismo e a Mulher Negra. *In*: KALIL, Angélica. **Você é feminista e não sabe**: entrevistas ilustradas. São Paulo: Edição do Autor, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**. Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

GALVÃO, Pedro. **Instagram e saúde mental**: como a rede social pode afetar usuários. Belo Horizonte: RockContent. 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/instagram-e-saude-mental/>. Acesso em: 30 out. 2020.

GONÇALVES, Elizabeth; SILVA, Marcelo. A amplitude do diálogo nas redes sociais digitais: sentidos em construção. *In*: GOULART, Elias E. (org.). **Mídias sociais: uma contribuição de análise**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 85-105. (Comunicação e Inovação; 5). Disponível em: [http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/midiassociais\\_011120181601.pdf](http://www.pgcl.uenf.br/arquivos/midiassociais_011120181601.pdf). Acesso em: 15 out. 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em: [https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com\\_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf](https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf). Acesso em: 27 out. 2020.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MENEZES, Lua. **[Você merece gozar]**. Auckland, 27 ago. 2020. Instagram: @lascivaluaaa. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEY8yiDplef/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

ORENSTEIN, Peggy. **O que mulheres jovens acreditam sobre seu próprio prazer sexual**. [S. l.]: TEDWomen, out. 2016. 1 vídeo (16 min 50 seg). Disponível em: Disponível em: <https://bit.ly/35e73Oq>. Acesso em: 15 set. 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

SALLES, Felipe. **Quantos usuários do Instagram existem no Brasil e no Mundo em 2020?** [S. l.]: Apptuts, 2020. Disponível em: <https://www.apptuts.net/tutorial/redes-sociais/quantos-usuarios-do-instagram-existem-no-brasil-mundo-2017/#:~:text=Quantos%20usu%C3%A1rios%20do%20Instagram%20existem%20no%20Brasil%20em%202020%3F,do%20que%20tinha%20em%202017>. Acesso em: 26 out. 2020.

SEIXAS, Ana Maria Ramos. **Sexualidade Feminina**: História, cultura, família, personalidade & psicodrama. São Paulo: SENAC, 1998.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual Health, Human Rights and Law**. Geneva: WHO, 2015. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9789241564984\\_eng.pdf;jsessionid=7F869673C20AE6CF23C064A66C728986?sequence=1](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/175556/9789241564984_eng.pdf;jsessionid=7F869673C20AE6CF23C064A66C728986?sequence=1). Acesso em: 01 out. 2020.